

# UM ENCONTRO DIFERENTE DE LUDICIDADE, CRIATIVIDADE E HEROÍSMO NA CIDADE<sup>1</sup>

## THE DIFFERENT ENCOUNTER OF PLAY, CREATIVITY AND HEROISM IN THE CITY

*Alcyane Marinho<sup>2</sup>*

*Heloisa Turini Bruhns<sup>3</sup>*

*Universidade Estadual de Campinas*

**RESUMO:** A intenção deste artigo é apresentar o GEEU (Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp), conhecido e estudado ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado. Como parte da investigação realizada, na área de estudos do lazer, privilegiando uma abordagem cultural, os discursos dos escaladores aqui apresentados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas. A observação participante também foi utilizada como recurso para obtenção dos dados. Para além de apresentar o GEEU, este texto propõe ressaltar a existência de uma forma singularmente expressiva de vivência humana, carregada de ludicidade, criatividade e dinâmica própria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer, GEEU, ludicidade, criatividade

### Introdução

De antemão, destacamos que as informações referentes ao lazer, ao esporte, ao espaço e ao tempo, foram buscadas junto à Educação Física, à Sociologia e à Antropologia, áreas estas as quais, conjuntamente, contribuíram e sustentaram as discussões efetuadas ao longo da pesquisa de mestrado em questão, na qual os escritos ora apresentados estão inseridos.

Antes de apresentarmos nossa proposta, cremos, ainda, que se faz necessário contextualizar o percurso metodológico utilizado para a obtenção dos dados apresentados, o qual deu suporte às análises efetuadas.

A pesquisa constituiu-se de uma investigação na área de estudos do lazer privilegiando uma abordagem cultural, respaldada no referencial da análise cultural proposta por GEERTZ (1989). Nesta, por sua vez, um dos objetivos é a obtenção de

---

1 Este artigo constitui-se em um dos capítulos da dissertação de mestrado "Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva", defendida na Faculdade de Educação Física da Unicamp, em março de 2001. O mesmo sofreu algumas alterações conforme o formato da revista.

2 Doutoranda do Dep. de Estudos do Lazer – FEF/Unicamp; Grupo de Estudos Lazer e Cultura – FEF/Unicamp; Laboratório de Estudos do Lazer – Unesp/Rio Claro.

3 Departamento de Estudos do Lazer – FEF/Unicamp; Grupo de Estudos Lazer e Cultura – FEF/Unicamp.

grandes conclusões, partindo-se de pequenos fatos, porém, fortemente entrelaçados.

O estudo privilegiou uma abordagem dialética, propondo, conforme mostra MINAYO (1994, p.24), abarcar o sistema de relações que constrói as formas de conhecimento exteriores ao sujeito e, também, as representações sociais as quais traduzem o mundo dos significados. A partir de tal abordagem, buscamos encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo e a interioridade e a exterioridade como constitutivas dos fenômenos e, também, compreender uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre os mundos natural e social.

Partindo dessa construção metodológica, para procurar entender o significado da prática realizada pelos escaladores do GEEU, pretendemos identificar todas as pistas possíveis, tanto nas coisas ditas quanto nas não ditas, pois a vivência com esse grupo, por ser repleta de valores cotidianos, necessitavam ser relevadas.

Procuramos, dessa forma, entender, identificar e investigar as relações, os valores e significados que permeiam a atividade da escalada, bem como as concepções que a orientam, responsáveis por construir uma realidade concreta – o muro de escalada.

Refletindo sobre os escritos de GEERTZ (1989, p.24) constatamos que "compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade" e, com isso, pudemos perceber que quanto mais nós tentávamos entender os escaladores, mais lógicos e singulares eles pareciam e, tornando-os acessíveis, foi possível colocá-los no contexto de suas banalidades, retirando o véu existente sobre eles.

Realizada esta contextualização, cremos ser possível dar continuidade aos nossos objetivos.

Tempo e espaço, prioritariamente, estabelecem laços com as esferas econômica, social e cultural, alterando-se continuamente, conforme o dinamismo das sociedades. Como já destacou SANTOS (1997), entender o espaço remete à compreensão das relações sociais aí estabelecidas, uma vez que o espaço é passível de construir a sociedade e a sociedade, por sua vez, também construir o espaço. As formas, nos espaços são alteradas, suprimidas e renovadas dando lugar a outras formas que venham a atender às novas necessidades da estrutura social.

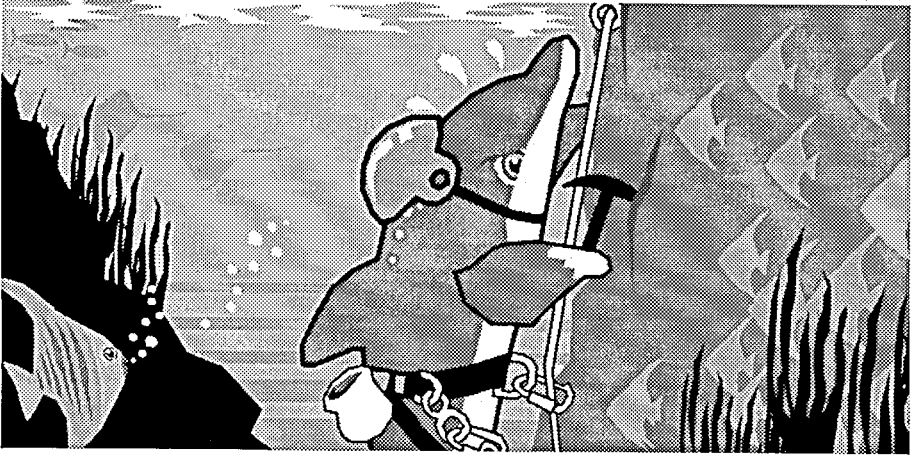
Em nosso entender, as atuais práticas lúdicas esportivas que se mostram em nossos lares devem ser compreendidas em seus contextos, conforme seus diferentes códigos, comportamentos e sentidos de aventura, pois as formas de experimentação de emoções compartilhadas serão sempre diferenciadas (MARINHO, BRUHNS, 2001a).

Partindo destas duas principais idéias, a busca da compreensão do lazer vivido nas cidades, aqui particularmente em um lugar específico – um muro de escalada esportiva – possivelmente poderá nos dar pistas para uma compreensão mais ampla das relações estabelecidas na contemporaneidade. Estas, por vezes, aparecem individualizadas e sufocadas em um vazio; contudo, verificando mais profundamente, pode-se observar tentativas de fuga desse esvaziamento,

manifestadas por formas criativas de experimentações.

### **Apresentando o Grupo de Escalada Esportiva da Unicamp**

O GEEU teve seu surgimento a partir do GAIA, grupo pequeno de amigos, composto por alunos da Unicamp. O denominador comum ao grupo era a prática de atividades outdoor, como: pára-quedismo, trekking, etc. Surgiu a idéia de pedir permissão a FEF para construir um muro. Na verdade, a razão inicial, era construir o muro para treinar e, posteriormente, praticar a escalada em alta montanha. Atingiram o objetivo: o muro foi construído na parede externa do Bloco da Biblioteca da FEF, por volta de 1991. E, conforme alguns depoimentos, com o tempo, as pessoas que formavam o GAIA foram se dispersando, entre outros motivos, devido ao fato de estarem se graduando e/ou mudando de cidade. Com o intuito de manter a idéia implantada no muro, aproximadamente três anos depois, surgiu o GEEU<sup>4</sup>, grupo este, formado e mantido, também, por alunos.



Ao longo de algumas entrevistas, pudemos notar o fato de a escalada ter sido a atividade mais fortalecida a partir do inicial grupo GAIA, principalmente, pela facilidade de acesso, ou seja, estar no muro era mais fácil que praticar ciclismo, pára-quedismo ou vôo livre, pois, por exemplo, eles podiam aproveitar os intervalos entre as aulas e escalar, sem preocupações com o deslocamento, com o equipamento de difícil manuseio e com a imprevisibilidade do tempo.

Os membros do GEEU se mobilizaram, alcançando a construção da primeira versão do negativo<sup>5</sup>, fizeram reuniões e assembléias, aprovaram estatutos

<sup>4</sup> Cabe destacar que esse foi um dos primeiros grupos de escalada esportiva organizado dentro de uma universidade brasileira.

<sup>5</sup> Negativo é um trecho (ou estrutura) em que a parede (ou a rocha) de escalada forma um ângulo menor que noventa graus em relação ao solo. Nele o escalador além de ir para cima, tem a possibilidade de ir para trás; ou seja, tende a se afastar do centro da superfície, projetando-se para o lado de fora.

e organizaram o caixa e todo o patrimônio adquirido (agarras, ferragens, kichutes, etc.) por meio de doação do antigo GAIA, o qual solicitava o direito de utilização do muro, isentando-se do pagamento das mensalidades (meio adotado para a captação dos recursos necessários para a manutenção. Atualmente, refere-se, exatamente, a uma semestralidade equivalente a vinte reais).

Mesmo que seja recomendado que cada um traga o seu próprio material, o GEEU também possui e disponibiliza, gratuitamente, o material básico para os interessados. Entre eles (os quais existem, no mercado, de diversos modelos de diferentes marcas) pode-se destacar: cadeirinhas<sup>6</sup>; mosquetões<sup>7</sup>; freios<sup>8</sup> e kichutes<sup>9</sup>.

Ainda com base nos dados obtidos por meio das entrevistas, o GEEU tem, atualmente, bastante repercussão. Guilherme Geralde Sonogo, membro e ex tesoureiro do GEEU, arriscou dizer sobre esse grupo ter mais repercussão que a maioria dos centros acadêmicos da UNICAMP. Isso pode ser evidenciado na utilização da imagem do muro como propaganda do vestibular da universidade. O referido escalador fez questão de afirmar: "hoje não é muita coisa, mas na época foi uma 'revolução' no conceito de escalada no Brasil e o GEEU, nessa época, tinha condições de treinar atletas em nível de competição brasileira!".

De acordo com o estatuto do GEEU, este, constitui-se em uma entidade própria sem fins lucrativos. Seus principais objetivos são: divulgar e praticar a atividade dentro e fora da universidade "como um meio de entretenimento e integração entre pessoas interessadas, não só em escalada esportiva, mas também em outras modalidades de escalada".

Os horários de funcionamento do muro variam. Na maioria das vezes, ele funciona durante os dias úteis da semana, no horário do almoço (das 12h às 14h)<sup>10</sup> e, também, alguns membros freqüentam durante a noite, depois das 18h (normalmente nos dias quentes em que o sol da hora do almoço pode incomodar um pouco). Esses horários são sempre fora dos horários de aula e das obrigações acadêmicas, ao longo do período letivo.

Cada dia, ao longo da semana, a abertura e o fechamento do muro é de responsabilidade de um ou dois escaladores. Quanto aos finais de semana,

6 Peças fundamentais da escalada. Conjunto de fitas de náilon de alta resistência costuradas entre si para envolver as pernas e a cintura do escalador, formando um assento. É nela que o mosquetão e o freio são conectados.

7 Argolas feitas em duralumínio ou aço, com um batente com mola, permitindo a conexão de cordas e de outros equipamentos.

8 Também são feitos em duralumínio. Os específicos para escalada são chamados "atc", mas existem outros tipos (para diferentes atividades), entretanto, todos têm o mesmo objetivo: permitir descer pela corda com segurança e velocidade controlada.

9 Calçados, disponíveis no muro (assim como outros equipamentos necessários à prática), utilizados pelos escaladores como forma alternativa, substituindo a sapatilha (calçado específico para a escalada, com solado de borracha, possibilitando maior aderência às superfícies a serem escaladas). A maioria das marcas de sapatilhas é internacional e os preços, normalmente são elevados; inviabilizando a aquisição e, diante disso, fazem dos kichutes uma boa alternativa.

10 Nesse período, a maior parte dos escaladores almoça no restaurante universitário, aproveitando a localização próxima ao muro.



o muro é pouco utilizado, assim como no período de férias. Esse fato ocorre porque os principais envolvidos são estudantes e, nas épocas fora do período de estudos, eles costumam viajar para a casa dos familiares, de amigos ou ainda para locais naturais propícios para acampar, praticar escalada em rochas, caminhadas e outras atividades.

Quanto aos participantes, "todos os alunos da Unicamp e qualquer pessoa que queira praticar, conhecer, ou mesmo apenas olhar, está convidada a vir nesses horários escalar e bater um papo conosco"<sup>11</sup>.

Apesar de serem convidadas e aceitas pessoas não envolvidas no meio universitário<sup>12</sup>, os escaladores, atuais membros do GEEU, são todos estudantes, tanto de graduação quanto de pós-graduação; matriculados nos mais variados cursos: Economia, Educação, Física, Engenharia e outros, não se limitando ao curso de Educação Física (tendo em vista a localização do muro nesta Faculdade). Esses estudantes começaram a praticar a escalada quando ingressaram na universidade (uns logo que entraram, outros um pouco mais tarde) principalmente de duas formas: a partir do primeiro contato com o muro, ou a partir da vivência de outras atividades em contato com a natureza, surgindo o interesse pela escalada. Ambas as formas foram propiciadas pela intervenção e motivação de amigos ou, em alguns casos, familiares já adeptos dessa prática e/ou, ainda, por mera curiosidade e força do momento.

A diversidade dos locais de origem dos estudantes, como em qualquer outro núcleo universitário, também é perceptível entre os escaladores pesquisados: eles vêm de diferentes partes do Brasil, desde cidades interioranas até grandes centros. Houve (e há) também no GEEU, casos de rápidas participações de estudantes estrangeiros, durante intercâmbios universitários.

A idade dos escaladores do GEEU varia de 18 a 30 anos, aproximadamente, conforme a permanência na universidade. A continuidade na participação junto ao grupo está diretamente relacionada ao término do curso universitário que, muitas vezes, obriga-os a se afastar das atividades do muro, devido à efetividade de um emprego e, até mesmo, à mudança de cidade. Essa característica de rotatividade dos membros do GEEU não impede de existirem casos de escaladores que, mesmo após se formarem, conseguirem emprego e/ou mudarem de cidade, visitam o muro sempre que possível.

Muitos (senão todos) escaladores do referido grupo, ao longo da vida universitária, mantêm, paralelamente, alguma outra forma de trabalho: estágios em instituições (empresas, escolas, etc.) nas áreas de interesse ou, ainda, dentro da própria universidade executando serviços auxiliares junto à biblioteca e outros centros de atendimento.

11 Esse convite para participar do grupo e mais informações sobre o GEEU, bem como sua natureza, sede, fins, membros, organização, etc. podem ser encontrados em seu estatuto disponível no site do próprio grupo: <http://www.geocities.com.Pipeline/9445>.

12 É importante destacar que, apesar de não existirem crianças integrantes no grupo, há casos de professoras de escolas próximas do local que solicitam ao GEEU a possibilidade de levarem seus alunos para vivenciarem a dinâmica do muro.

Estamos nos remetendo inúmeras vezes à palavra grupo para designar os escaladores pesquisados pois é assim que eles se denominam; cabendo destacar, entretanto, que nem sempre eles se vêm enquanto grupo. Rodrigo Santos Magalhães, membro do GEEU e um dos atuais coordenadores, argumenta que um dos problemas refere-se àquelas pessoas que vêm ao muro, escalam apenas esporadicamente e acabam não fazendo parte de verdade do grupo.

Essa falta de assiduidade pode vir a ser um traço da descaracterização do sentido de grupo, no entanto, não a justifica completamente, pois muitos dos escaladores apesar de não participarem diariamente das atividades do muro, nas poucas presenças, são extremamente ativos e participativos, pensando e atuando como grupo. Com isso, foi possível perceber que, para a maioria dos escaladores, mais importante que "quantas vezes" se está presente é "como" é essa presença.

Aliada a questão da não assiduidade, um acontecimento pode ser apontado como exemplo de um traço de desunião do grupo: um conflito causado, no primeiro semestre de 1999, pela falta de pagamento da semestralidade por parte de alguns membros.

Todo final de semestre parece ser bastante complicado para os escaladores que, apesar de muita vontade de escalar, encontram-se impossibilitados pelo número excessivo de provas e trabalhos para finalizar e, não tendo tempo disponível, limitam-se a ir uma vez ou outra, quando possível. O problema estava no fato de que alguns desses escaladores que pensavam dessa forma ("não escalei muitas vezes, estou cheio de provas e sem dinheiro; então, não vou pagar"), recusaram-se a fazer o pagamento da semestralidade do muro, causando indignação naqueles que pagavam. Esse momento de conflito marcava um descompasso: por um lado, alguns pagantes achavam tão pouco o dinheiro referente ao pagamento que poderiam abrir mão dele, em nome daqueles em situação financeira difícil. No entanto, por outro lado, se todos, sem exceção, realmente pagassem o irrisório valor estipulado (segundo outros pagantes) seria possível a boa manutenção do muro e, até mesmo, fazer uma poupança com o restante do dinheiro visando a organização de futuros projetos e eventos.

Esse período foi, generalizadamente, marcado por uma falta de diálogo entre os escaladores, quase culminando em uma fragmentação. Apesar de, naquela época, nem todos ficarem contentes, a maioria dos escaladores, durante as reuniões, solucionou esse problema, impedindo a participação dos inadimplentes no muro. Dos não pagantes: alguns ficaram revoltados com tal decisão; outros nem se importaram. Passado o final daquele semestre e com as mágoas deixadas de lado, a maioria dos envolvidos voltou a escalar.

Acreditando que os conflitos também fazem parte das relações humanas e, ao presenciar tudo o que ocorreu naquele período, posso afirmar que o grupo, apesar de todas as diferenças (naturais de quaisquer grupos), percebe-se enquanto grupo e age enquanto grupo, dentro dos limites de uma "política de amizade". Os conflitos e suas resoluções, vividas entre os escaladores, serviram para fortalecer

ainda mais o vínculo entre eles.

Partilhamos de algumas idéias de ORTEGA (2000) sobre a importância de uma política da amizade, entendida como uma experimentação de novas formas de sociabilidade. Uma diferente noção de amizade contraria o ideal clássico da amizade, compreendida como igualdade e concordância; pois, na figura do amigo, não se deve procurar uma adesão incondicional, mas uma incitação, um desafio para a transformação. Segundo ORTEGA (2000, p.80), "tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças".

A idéia do bom amigo, sempre dizendo o que se quer escutar, sempre concordando, nunca criticando, impede o desenvolvimento de uma sensibilidade para as diferenças.

Diferentemente dos discursos tradicionais da amizade, os quais utilizam as faltas de simetria e reciprocidade para afirmar a identidade, a assimetria realçaria o cuidado com o outro e a diferença. Com essas idéias, ORTEGA (2000, p.81-82) não pretende afirmar que a amizade deva procurar o conflito. Ele apenas pretende questionar o monopólio exercido pelo consenso, a transparência, a identificação, a fusão, a extrema intimidade nas relações de amizade, pois:

*no amigo, não devemos reconhecer-nos para fortalecer nossa identidade. A relação de amizade poderia desenvolver uma sensibilidade para as diferenças de opinião e de gostos. Somente essa distância, esse agonismo, essa disposição a nos deixarmos questionar em nossas crenças e ideais, a modificarmos nossas opiniões através do relacionamento com o amigo, constituem a base de uma amizade para além da reciprocidade, do parentesco, da incorporação do outro.*

O autor mostra que não é necessário utilizar o amigo para fortalecer nossa identidade, nossa crença, isto é, "aquilo que somos", mas a possibilidade de concebermos a relação de amizade como um processo, no qual os indivíduos envolvidos trabalham na formação e invenção dessa amizade.

Talvez os escaladores estejam aprendendo, diariamente no muro, a conviver com a imagem de um amigo que não aparece como suas próprias imagens idealizadas, mas como alguém diferente e, com isso, acabam conseguindo aceitar as distâncias e as diferenças como condições dessa relação.

Nas amizades, nas quais existem os sucessos e os conflitos, há também as transformações. Ao longo dos anos de sua existência, o GEEU sofreu algumas modificações:

*Antigamente no GEEU era difícil de entrar porque era um grupo muito fechado. Os participantes tinham um nível razoável de conhecimento da atividade e eles faziam as vias para eles, não pensavam no povo mais novo*

*e isso dificultava a entrada de pessoas novas. Hoje em dia, se chega novato, eu procuro ir lá, chamar para participar. Eu posso afirmar: os objetivos de antigamente e de hoje não mudaram: que é escalar! O que mudou foram algumas características de como fazer isso. Um dos objetivos era incentivar o esporte e continua sendo; o jeito de encarar isso é que mudou, mas isso é uma consequência porque as pessoas que estão dentro, no momento, é que fazem o nosso grupo de escalada (Rodrigo).*

No começo do surgimento do GEEU, o objetivo primeiro era o de escalar. A opção pelo lazer limitava-se ao interesse de escalar por escalar mas, atualmente, tem se apresentado um pouco diferente. Todos os escaladores pesquisados afirmaram que o muro representa, da mesma forma, uma opção de lazer, no entanto, voltada para diversificados interesses: alguns se limitam a treinar para campeonatos; outros preferem ir ao muro só para bater papo, saber das novidades; outros, ainda, fazem do muro um ponto de encontro para ir às rochas ou a algum outro compromisso e alguns, por fim, gostam (e fazem) de tudo ao mesmo tempo.

Outra questão importante a destacar é a mudança do ambiente de estudos para o ambiente do muro, haja vista ambos estarem dentro da mesma universidade. Darli Augusto de Arruda Mello, membro do GEEU, deu algumas pistas de sua opinião:

*uma das coisas que eu gosto no muro, é que eu faço engenharia e no grupo da engenharia são os mesmos papos sempre. Às vezes você sai estressado de uma prova e todo mundo só fala dela. Aí você vem no muro aqui e o pessoal é totalmente desenganado e isso é bom demais. Escala um pouco e, de repente, você não lembra mais da prova, passou. Isso é legal!*

Por mais que possa parecer, a fala de Darli não revela só uma possibilidade de alívio da rotina estressante de um dia de prova mas, mais que isso: revela a existência de um grupo de amigos, de uma prática agradável em um lugar diferentemente agradável, bem próximo das salas de aula, oportunizando distintas sensações.

Entretanto, a rede de relações estabelecida no muro não se limita a sua localização dentro dos horários pré-determinados, mas ultrapassa-os. Os escaladores marcam reuniões<sup>13</sup>, festas<sup>14</sup>, eventos<sup>15</sup> e outros encontros sempre que possível

<sup>13</sup> No GEEU as regras de utilização e manutenção do muro são formuladas por todos, em comum acordo, durante reuniões. Estas, por sua vez, são agendadas de acordo com a disponibilidade da maioria, representando um momento para esclarecimentos, organização de eventos, delimitação de regras, etc. A participação de todos nessa "construção", torna-os parte do "pedaço" e responsáveis por ele.

<sup>14</sup> As festas acontecem, na maioria das vezes em feriados, durante a semana, em datas comemorativas, mas podem também ocorrer por nenhum motivo especial: apenas para se encontrarem. Quando não há um local (bar, show, etc.) estipulado,

<sup>15</sup> Os eventos englobam: vivências no muro, campeonatos, aulas para o projeto de extensão e outros.

e necessário. Eles também se comunicam por mensagens via computador; possuindo, inclusive, uma lista de discussão, organizada por eles mesmos, na qual são discutidos: problemas, dúvidas, dicas, pedidos, convites, etc.

E é assim, a partir de cada nova relação que vai surgindo, amadurecendo e se fortificando no GEEU que se delimita e identifica um lugar, um "pedaço"<sup>16</sup> – o muro.

### "Murotoma" - A encarnação do lúdico

Realizar diferentes movimentos, utilizar músculos nem sempre tão exigidos, pendurar-se por apenas uma das mãos ou um dos pés denotam singulares experiências corporais, expressando uma cumplicidade do escalador com seu próprio corpo, conduzindo a vivências corporais distintas. A ludicidade, por sua vez, manifesta-se diante desse entrosamento com o corpo e se estende ao espaço vivido – o muro de escalada.

Cabe mencionar o que compreendemos por ludicidade. Ela está sendo, aqui, entendida como um termo que resiste a quaisquer interpretações meramente racionais. Só é possível entender o lúdico em suas formas de manifestação, pois ele não é conceituável, situando-se na esfera do simbólico. É um modo de comportamento, o que significa dizer que é uma valoração, um sentido, uma intencionalidade humana. Portanto, torna-se complexo conceituar o lúdico, pois o conceito relaciona-se às experiências subjetivas.

A atividade lúdica, oportunizada pelo subir e descer de agarras, está ligada ao cotidiano de tarefas, deveres acadêmicos e trabalho dos escaladores. Diante dessa possibilidade de relacionar a dinâmica da vida diária com uma atividade lúdica, os escaladores do GEEU vivenciam uma composição de dimensões (acadêmicas, de amizade, de lazer, etc.).

O lúdico é, portanto, uma característica muito significativa na realidade do grupo, podendo ser percebido no dia-a-dia dos escaladores e, também, em momentos singulares. Referimo-nos, especialmente, à "murotoma", evento planejado e viabilizado pelo GEEU no dia 20/3/1999.

Entre os principais objetivos do evento estavam: divulgar o muro, possibilitar um encontro com diferentes gerações do grupo, arrecadar dinheiro e, também, promover uma grande brincadeira. Rafael Piccin, membro do GEEU, tenta esclarecer as primeiras iniciativas desse evento:

15 Os eventos englobam: vivências no muro, campeonatos, aulas para o projeto de extensão e outros.

16 Na verdade, esse espaço tem algumas das características do "pedaço", termo utilizado por Magnani (1984, p.137). Nele há o estabelecimento de uma rede de relações sociais, principalmente de amizade; há também, em seu núcleo, apesar de um contorno bastante nítido (as paredes), suas bordas se fluem, sem delimitação territorial precisa, ou seja, o grupo, em seu dia-a-dia de estudos, de trabalho e escaladas, têm um espaço todo a sua volta, guardando, em si, um ponto de partida: o muro. Uma outra característica é o fato de pertencer ao "pedaço" significar ser reconhecido em quaisquer circunstâncias, o que, segundo Magnani, implica no cumprimento de determinadas regras de lealdade. Os escaladores não se conhecendo, reconhecem-se, seja pela procedência, pelo nome, pela cor do cabelo, pelas proezas realizadas, etc.

*A idéia principal não foi nossa; eu não sei de quem foi, eu não sei se foi dos caras do GAIA, do GEEU. Na verdade, foi um pessoal antigo que sempre teve vontade de fazer lá no muro a escalada com a bebida. É uma idéia fenomenal, inclusive muitos deles vieram e aproveitaram o máximo que puderam. Eu acho que unir as duas coisas foi uma idéia muito boa e eu gostei muito, porque é uma atividade divertida. Todo mundo se descontraíu e aproveitou.*

Havia um regulamento, estipulando as possibilidades e limites dos participantes (entre os quais, nem todos eram escaladores). O muro estava composto por três vias, nas quais o participante deveria ingerir bebidas (fermentadas e destiladas), no início, meio e final de cada uma delas. Houve um tempo máximo para a execução de cada via e o tempo de subida foi marcado para um eventual caso de empates. Como a dificuldade da prova era a bebida, foram registradas algumas faltas cometidas pelos competidores, tais como: deixar restos de cerveja na lata, babar ao beber, cair na via, etc. Foram para a final aqueles com o menor número de faltas.

Entre os escaladores, foi possível perceber algumas divergências quanto ao interesse pela murotoma: "Nós queríamos ver qual era o efeito da bebida durante a escalada. O interessante da murotoma é as pessoas caírem de tanto beber. Foi uma grande brincadeira" (Darlí).

Esse escalador dá pistas de uma possível aproximação de experiências nem sempre rotineiras (como ficar bêbado) às vivências cotidianas do muro de escalada.

Diferentes interesses também foram apontados por Rodrigo:

*a murotoma foi uma boa forma de divulgação do muro, além de uma brincadeira de muita graça. Mas, ainda assim, mesmo com essa brincadeira, nós não conseguimos tirar a imagem de esporte difícil, porque senão mais gente teria participado. E teve gente que nem quis participar, só ficou assistindo.*

Mesmo não explicitado, nas outras falas precedentes a essa, um dos objetivos da murotoma, como exposto acima, é a desmistificação da escalada enquanto esporte de grande risco, justamente contrapondo-se a isso, promovendo um jogo, brincando com o risco e com a sensação de medo. Esse objetivo, no entender de Rodrigo, não foi efetivado; caso contrário, mais pessoas teriam se inscrito e participado. Isso demonstra que a atividade por ela mesma não é o único foco de atração e interesse. Como em outras opções na vida, ela é recortada por muitas variáveis. Entretanto, quanto ao fato de algumas pessoas ficarem só assistindo e não terem, efetivamente, "subido pelas paredes", é possível discordar de Rodrigo, pois isso não significa que elas não participaram. Os que assistem também fazem parte do "jogo", de uma maneira ou de outra.

Foi possível perceber um forte envolvimento das pessoas que ficaram só olhando (desse grupo faziam parte: namorados, amigos e parentes dos escaladores competidores ou outras pessoas presentes mesmo sem nenhum vínculo, estando lá por simples curiosidade). Normalmente estes ficavam à disposição para ajudar no que fosse preciso: pegar um equipamento, uma cerveja, guardar uma sapatilha, dar um beijo de "boa sorte", dizer apenas "valeu" ou, ainda, fazer uma gozação sobre algum acontecimento engraçado. Aplausos eram arrancados desses observadores quando alguma façanha era executada. Risos eram manifestados praticamente o tempo todo. Eles faziam, na verdade, o papel de torcedores ativos.

Com um som de rock ao fundo (não muito alto – provavelmente poderia tirar a concentração), os escaladores competidores iniciavam a maratona das subidas. Somente três pessoas podiam escalar de cada vez, conforme as três diferentes vias dispostas no muro. Entre as subidas vagarosas pelas paredes, muitos escorregões aconteciam devido ao efeito embriagador das bebidas. Mas isso não era um empecilho, contrariamente: era um aspecto motivador importante, oportunizando mais motivos de risos aos torcedores.

Várias funções foram distribuídas ao grupo do GEEU. Três se responsabilizaram em dar a segurança; um preocupou-se com o som; dois tomaram conta do barril de cervejas; outro foi responsável por chamar os competidores e assim por diante. Estes que faziam parte, oficialmente, da coordenação usavam uma camiseta de cor preta com o escrito "coordenador" (na parte das costas), diferenciando da camiseta dos competidores, que era de cor branca com o escrito "competidor". Na parte da frente, ambas as camisetas possuíam um desenho de escalador. Essa distinção mostrava que as pessoas envolvidas na coordenação ("os de preto"), responsáveis pelo evento, não beberiam, estando sóbrios para dar adequada segurança aos competidores.

O clima era de muita descontração, alegria e, raras vezes, tensão, apesar da competição presente no evento. Este, na verdade, possuía uma conotação diferente da competição tradicional, na qual o aspecto lúdico é diluído. Por contrapartida, na murtoma, observamos uma verdadeira encarnação do lúdico.

Uma questão que merece, igualmente, ser destacada foi a preocupação com acidentes provenientes dos excessos de bebida. A impressão de Thaís foi bastante significativa:

*Então, em termos de divulgar, de falar assim: 'traz mais gente, vai ter a murtoma, uma coisa diferente'; de chamar a atenção pra escalada esportiva, de chamar a atenção pro GEEU, pro muro da FEF, eu acho que enquanto isso foi válido, agora, eu acho assim – eu bebo a minha cervejinha, não tenho nada contra – mas ali tinha um monte de riscos inerentes ao esporte e você tá no muro, tá pendurada, e neguinho subindo, vomitando... eu, particularmente acho nojento! A princípio, pareceu que ia ser só engraçado, mas depois eu acho que você fica um pouco apreensiva porque vê pessoas*

*que exageram mesmo na dose e começam a fazer besteira e você fica com medo que aconteça algum acidente. Apesar de que quem tava dando segurança – que é o principal – tava sóbrio, você fica com medo que a pessoa se rale ou alguma coisa assim e também fica meio nojento o neguinho vomitando lá de cima.*

Essa preocupação foi generalizada, porém manifestada de diferentes formas. A Thaís, por exemplo, não quis se inscrever e competir por motivos que nem ela soube explicar (não tinha certeza se estaria realmente presente naquele dia ou se teria que estudar) mas, de qualquer forma, o seu comportamento demonstrou uma certa desmotivação. Rafael também mencionou a mesma preocupação ("A murotoma é uma idéia boa, quando não se abusa tanto da bebida"), entretanto ele participou efetivamente, ajudando, escalando e bebendo. Com isso, observa-se, portanto, que foram diversas as formas de preocupação e de participação.

Além do cuidado com os exageros alcoólicos e conseqüentes acidentes provenientes dos mesmos, Rafael levanta outros aspectos importantes:

*Deu um pouco de trabalho para organizar. Se ela fosse mais organizada, se a gente soubesse antes quantas pessoas participariam a gente compraria a quantidade certa de bebida, porque um fator que prejudicaria o muro era o caixa do muro: 'quanto dinheiro a gente pode gastar? Não vai ter prejuízo? Vamos comprar quanto de bebida? Foi um negócio preocupante porque pensamos que poderia acabar com o nosso 'rico dinheirinho' (porque a gente quer tanto fazer o negativo e tá sempre economizando). Também foi legal, porque ninguém acreditava muito. Depois de tanto esforço, saiu!*

Todo o processo para a concretização da murotoma serviu para fortalecer o laço de amizade entre os membros do GEEU, entre tantos outros objetivos alcançados. Eles tiveram a idéia, juntaram forças, dinheiro; mobilizaram-se e conseguiram organizar mais um evento no muro.

Pequenos grupos, como o GEEU, manifestam características de coletividade e sociabilidade em ambientes artificiais de escalada, expressando uma relação diferenciada na dinâmica urbana. Experiência esta, utilizando a idéia de Da MATTA (1987, p.116), consideravelmente importante para a "vivência da totalidade" do espaço urbano.

Organizando e vivenciando esse momento festivo, os membros do GEEU tinham em mente expor o "pedaço" deles. Por meio dessa competição, festa, jogo, brincadeira (ou tudo isso simultaneamente) os escaladores pretenderam, e conseguiram, revelar o lado oculto do muro ou os símbolos (significados) que o sustentam e o fazem acontecer (a ação). A partir do que é percebido como algo concreto e opaco (o muro), a murotoma surgiu como uma espécie de orientação para que o público pudesse compreender seu sentido mais profundo.



### Novos heróis da vida cotidiana

Como o próprio FEATHERSTONE (1997, p.82) confirmou, o conceito de vida cotidiana revela-se bastante difícil de definir. Isso ocorre, conforme esse autor, porque a vida cotidiana propicia a base para o surgimento de nossas conceituações, definições e narrativas. "Vida cotidiana" parece ser uma categoria residual, na qual são colocados todos os fragmentos e pedaços que não se enquadram em um pensamento ordenado. Diante dessa ambigüidade inerente, seria mais adequado delinear as características mais freqüentemente a ela associadas. Para expor algumas idéias iremos nos deter em reflexões do referido autor.

A vida cotidiana deve ser entendida como um processo historicamente definido, no qual há uma ênfase naquilo que se faz todos os dias, nas crenças e práticas, destacando os momentos presentes que proporcionam um sentido não reflexivo de imersão na imediatez de experiências e atividades usuais. Há também, na vida cotidiana, um destaque para uma sociabilidade vivida ludicamente, na qual a multiplicidade de comportamentos e o conhecimento heterogêneo são valorizados<sup>17</sup>.

MAFFESOLI (1998, 1996) em seus escritos, ressalta qualidades da vida cotidiana, apontando possibilidades de resistência frente ao processo de racionalização, promovendo a sociabilidade, em uma intensificação do momento, na qual o presente e as formas de vida frívolas e imaginativas proporcionam um senso de coletividade, reagindo ao individualismo.

Nessa perspectiva, as "aventuras na mata", presentes no "turismo ecológico", as quais se aproximam de uma "brincadeira", podem ser observadas nas experimentações no muro de escalada. Aqui a vida torna-se momentaneamente livre de atuações, despojada de propósitos ulteriores e o ato heróico igualmente surge como simulacro, uma vez presenciando-se, nessas atividades esportivas, uma certa dose de coragem, almejando metas extraordinárias (BRUHNS, 1998).

Na figura do herói enquanto simulacro presencia-se a possibilidade de uma transgressão ou rejeição da ordem, diferenciando-se da vida cotidiana, a qual, por sua vez, gira em torno do mundano, do ordinário. A vida heróica, como discute FEATHERSTONE (1997), ameaça tanto a possibilidade de retorno às rotinas cotidianas, como também implica pôr em risco a própria vida, constituindo-se pela esfera do perigo, do risco que se corre e da violência (aqui representada pela luta em se manter ileso, seja em agarras, no barco, na descida de uma cachoeira, explorando uma caverna, etc.).

Nesse contexto, a cultura do consumo ao enaltecer a estetização da vida cotidiana por meio do desenvolvimento da propaganda, do imaginário e da publicidade, provocou uma saturação nas estruturas dos ambientes, favorecendo um certo tipo de investida anti-heróica, em uma heroização do mundano, do ordinário. Segundo FEATHERSTONE (1997, p.99), se os heróis anteriormente representavam

<sup>17</sup> Featherstone (1997, p.83).

ídolos da produção, hoje, por outro lado, eles são ídolos do consumo.

O autor supracitado, referindo-se a Bologh, discute como este advoga uma ética da sociabilidade contrapondo-se à ética do herói, menos elevada, "mais aberta a uma exploração igualitária da ludicidade e do prazer com o outro, à imersão e à perda do eu, mais do que a uma preservação e elevação do eu".

Os muros de escalada, ilustrados aqui pelo GEEU, podem representar, nesse sentido, mais um fator de distinção, no contexto da investida contra a vida heróica, principalmente se for levada em conta sua participação diversa, constituída por mulheres, crianças, adolescentes, idosos e, até mesmo, deficientes<sup>18</sup>, em uma "forma lúdica de associação"<sup>19</sup>, na qual se brinca de ser herói, simulando riscos e perigos.

Os muros de escalada remetem, portanto, a uma imagem heróica (relacionada a rompimento com estruturas) no sentido de contraposição a uma imagem fixa, estática e fechada. Dessa forma, os escaladores – novos heróis da vida cotidiana – surgem em feitos ordinários: práticas esportivas atreladas à vida acadêmica. Portanto, como destacamos em outro momento (MARINHO, BRUHNS, 2001b), não se pode negar a possibilidade da manifestação do lúdico, do prazer (ainda que atrelado ao dever) e da sensibilidade na vivência da escalada esportiva, pois ela, por sua vez, está impregnada de experiências cotidianas das pessoas, apontando uma diferente forma de experimentação.

### Referências Bibliográficas

- BRUHNS, Heloisa T. Visitando a natureza, experimentando intensidades. In: VASCONCELOS, Fábio P. *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: UECE, 1998.
- Da MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FEATHERSTONE, Mike. A globalização da mobilidade: experiência, sociabilidade e velocidade nas culturas tecnológicas. In: GARCIA, Erivelto B.; LOBO Francis (eds.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- MAGNANI, José. G. C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2a ed., 1998.

<sup>18</sup> Essas pessoas, por sua vez, nunca foram consideradas heróis mas, ao contrário, eram vistas como anti-heróis devido ao signo de fragilidade. Contudo, hoje, a tecnologia permite também a elas a prática de atividades de aventura.

<sup>19</sup> De acordo com Simmel (apud FEATHERSTONE, 1997, p.97), a sociabilidade - "forma lúdica de associação" - constitui uma maneira de interação entre pessoas com comportamentos e estilos de vida parecidos, sem objetivos ou conteúdos severamente determinados, na qual a conversa e o lúdico tornam-se fins em si mesmos.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. La escalada y las actividades de aventura: realizando sueños lúcidos y lúdicos. *Apunts: Educació Física y Deportes*. Barcelona: INEF - Institut Nacional d'Educació Física de Catalunya, nº. 65, set-dez/2001(a), p.105-110.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. Escalada urbana - faces de uma identidade cultural contemporânea. *Revista Movimento*. Rio Grande do Sul: UFRGS, ano VII, nº. 14, jul/2001(b), p.37-48.

MINAYO, Maria C. S. *O desafio do conhecimento* - pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

**ABSTRACT:** This paper presents the GEEU (Group of Sporting Climbing from Unicamp) studied during the master's degree research. It has emphasized a cultural approach in the area of leisure studies supported in the cultural analysis. The nature of this research is qualitative and it was also developed semi-structured interviews and participant's observation as resources to obtaining the data. It was possible to notice that the behaviors, tastes and styles of GEEU climbers are part of the context of the countless transformations of modern great cities urban culture. The GEEU's group appears in this perspective: innovation form and creativity of contemporary cultural expression.

**KEYWORDS:** Leisure, GEEU, playful, creativity